

idas pelos modernos são frequentemente contraditórias, é o de sua posição: sem dúvida era assimilado aos meios. O que ocorria, porém, caso sua fosse ateniense? Alguns acreditam nascido de dois pais atenienses, ele cidadão. Outros, por outro lado, iam que apenas os filhos de um cidadão legítimo herdariam a cidadania e provavelmente verdadeiro em os da letra da lei. Pode-se entreter por que ela não era sempre aplicada rigor e que um homem podia aprear o filho nascido de sua concubina e seu filho legítimo, sobretudo se tivesse filho algum com sua esposa. Isso, com efeito, deveria, aos dez dias scido, ser apresentado pelo pai aos bros de sua fratria, grupo de caráter oso que sobreviveu às reformas de nes e continuava a desempenhar apel importante na vida dos ates. Na ausência de registros de civil, era a apresentação do recém-ido à fratria que exercia o papel de lio de nascimento, assim como era oferecimento de um banquete a membros que o novo esposo legiti-seu casamento.

família dentro do *oikos* não se limio marido, à esposa e aos filhos. A idosa e viúva e as irmãs ainda solteio senhor do *oikos* eram igualmente dele, assim como os escravos que ipavam do culto doméstico e das as manifestações da vida familiar. rvas assistiam à dona da casa nos hos próprios das mulheres: criar e ntar as crianças, fiar a lã e tecer. Os os homens trabalhavam no campo o de seu senhor ou sob a direção de apataz de condição igualmente ser-) *Econômico* de Xenofonte oferece isão algo idealizada da vida de um mas que provavelmente contém

do, conforme a evolução das mentalidades, a partir do fim do século v. Trabalhos recentes demonstraram que é importante não se fechar nesses dilemas. A mulher, com certeza, excluída das atividades políticas, centro da vida ateniense, não podia deixar de ser uma inferior, tal como as crianças, os escravos e os estrangeiros. Nesse aspecto, a cidade democrática, que tinha a política como fundamento essencial, era bem mais fechada às mulheres do que a cidade aristocrática, em que a mulher, senhora do *oikos*, gozava de situação privilegiada, segundo comprovam as personagens femininas dos poemas homéricos, ainda afastadas, contudo, daquilo que era o privilégio do homem: a atividade guerreira. Embora a cidade-estado democrática mantivesse as mulheres afastadas do debate político, conferia-lhes por outro lado um lugar nada desprezível na produção da comunidade cívica. Nesse aspecto, a mulher "cidadã" fazia parte da cidade-estado pela procriação de seus filhos legítimos e, por meio de sua participação nos cultos cívicos, era integrada à comunidade. Evidentemente isso em nada diminuía o fato de ela ser uma eterna inferior, incapaz de dispor de seus bens sem autorização de seu *kyrios* — seu tutor, pai, esposo, irmão ou filhos; de ser casada por este, sem que seus sentimentos contassem; de poder ser repudiada sem nenhum processo, caso se mostrasse estéril. É importante, porém, distinguir aí entre direito e práticas cotidianas. Muitas mulheres pobres em Atenas eram forçadas a trabalhar, como amas-de-leite ou vinhateiras, ou ainda a vender no mercado o produto de seu artesanato doméstico. Na ausência do esposo, em campanha militar, era necessário desdobrar-se para alimentar crianças e servos. É bem verdade que nem tudo das tuadas de Aristóteles e da linguagem

franca de suas heroínas deve ser aceite, mas alguns discursos confirmam essa necessidade, em que se encontravam as mulheres de meios modestos, de sair de sua casa. As outras, esposas de cidadãos abastados, correspondiam melhor à imagem da mulher trancada no gineceu entre suas servas e ocupada em fiar e tecer. Mesmo lá, entretanto, ela podia gerir os bens familiares em sua condição de dona da casa, pelo menos tanto quanto o esposo, ocupado pela política cotidiana. Logo, convém ser prudente ao se evocar a condição feminina na Grécia, singularmente em Atenas, apenas a partir das profissões de fê misóginas que, desde Hesíodo até Eurípides e Aristófanes, abundam na poesia e no teatro gregos. A mulher é então representada como um flagelo criado pelos deuses para punir os homens por sua pretensão ao querer igualar-se a eles, como uma criatura falastrona e preguiçosa, que pensa apenas em beber e enganar o esposo, como um ventre insaciável que infelizmente é necessário suportar por não ser possível procriar sem ele. Deve-se contudo ser prudente ao falar do "feminismo" de um Eurípides ou um Platão. Ainda que o primeiro faça suas heroínas dizerem frases que soam estranhamente modernas, não deixava nem um pouco de ser, segundo Aristóteles, inimigo das mulheres. Quanto a Platão, ainda que se tenha inspirado no exemplo espartano ao atribuir às esposas dos guardiões da República uma situação particular, chegando, nas *Leis*, a propor magistraturas femininas, isso se deve mais a seu desejo de regulamentar todos os aspectos da vida comunitária do que a uma preocupação qualquer em modificar a condição feminina. Pode-se no máximo sugerir que com o declínio da política esboçado no final do século iv, a mulher, pertencente à esfera do particular, tenha

□ A. Burguière, C. Klapish-Zuber, M. Segalen, F. Zornabend (orgs.). *Histoire de la famille, t.1. Mondes lointains, mondes anciens*. Paris, 1986 • S. Humphreys. *The Family, Women and Death*. Londres, 1983

▶ casamento; dote; educação; escravidão; feminina, condição; fratrias; *genos*; morte

FEMININA, CONDIÇÃO

A condição da mulher na Grécia já foi objeto de muitos trabalhos e controvérsias. Para alguns, ela era uma vítima, eterna inferior condenada a viver reclusa no gineceu. Para outros, por outro lado, teria se aproveitado de todas as ocasiões para escapar à tutela do pai e do esposo, como atesta a comédia. Para outros, ainda, sua condição teria apenas melhora-

mesmo assim grande parcela de realidade.

Fora de Atenas, como sempre, não se encontram muitas informações disponíveis sobre as estruturas da sociedade e, por conseguinte, sobre a organização familiar. O que entrevemos permite mesmo assim pensar que, embora as regras a respeito da transmissão de bens pudessem variar de uma cidade a outra, nem por isso deixava de haver constantes, comprovando que, pelo menos na época clássica, a família nuclear era a estrutura básica da sociedade no mundo grego. Isso ocorria até em Esparta, onde é necessário avaliar com prudência a informação de haver uma espécie de comunidade das mulheres, conforme afirmam algumas fontes. Xenofonte nada diz a respeito disso, quando evoca a possibilidade que tinham os espartanos de "emprestar" sua mulher a um homem que desejasse ter filhos: isto apenas prova que em Esparta a transmissão de bens e da cidadania não obedecia a regras tão rígidas quanto em Atenas.

□ A. Burguière, C. Klapish-Zuber, M. Segalen, F. Zonabend (orgs.). *Histoire de la famille, t.I. Mondes lointains, mondes anciens*. Paris, 1986 • 5. Humphreys. *The Family, Women and Death*. Londres, 1983

▶ casamento; dote; educação; escravidão; feminina, condição; fraternias; genos; morte

FEMININA, CONDIÇÃO

A condição da mulher na Grécia já foi objeto de muitos trabalhos e controvérsias. Para alguns, ela era uma vítima, eterna inferior condenada a viver reclusa no gineceu. Para outros, por outro lado, teria se aproveitado de todas as ocasiões para escapar à tutela do pai e do esposo, como atesta a comédia. Para outros, ainda, sua condição teria apenas melhora-

do, conforme a evolução das mentalidades, a partir do fim do século V. Trabalhos recentes demonstraram que é importante não se fechar nesses dilemas. A mulher, com certeza, excluída das atividades políticas, centro da vida ateniense, não podia deixar de ser uma inferior, tal como as crianças, os escravos e os estrangeiros. Nesse aspecto, a cidade democrática, que tinha a política como fundamento essencial, era bem mais fechada às mulheres do que a cidade aristocrática, em que a mulher, senhora do *oikos*, gozava de situação privilegiada, segundo comprovam as personagens femininas dos poemas homéricos, ainda afastadas, contudo, daquilo que era o privilégio do homem: a atividade guerreira. Embora a cidade-estado democrática mantivesse as mulheres afastadas do debate político, conferia-lhes por outro lado um lugar nada desprezível na produção da comunidade cívica. Nesse aspecto, a mulher "cidadã" fazia parte da cidade-estado pela procriação de seus filhos legítimos e, por meio de sua participação nos cultos cívicos, era integrada à comunidade. Evidentemente isso em nada diminuiu o fato de ela ser uma eterna inferior, incapaz de dispor de seus bens sem autorização de seu *kyrios* — seu tutor, pai, esposo, irmão ou filhos; de ser casada por este, sem que seus sentimentos contassem; de poder ser repudiada sem nenhum processo, caso se mostrasse estéril. É importante, porém, distinguir aí entre direito e práticas cotidianas. Muitas mulheres pobres em Atenas eram forçadas a trabalhar, como amas-de-leite ou vinhateiras, ou ainda a vender no mercado o produto de seu artesanato doméstico. Na ausência do esposo, em campanha militar, era necessário desdobrar-se para alimentar crianças e servos. É bem verdade que nem tudo das piadas de Aristófanes e da linguagem

franca de suas heroínas deve ser aceito, mas alguns discursos confirmam essa necessidade, em que se encontravam as mulheres de meios modestos, de sair de sua casa. As outras, esposas de cidadãos abastados, correspondiam melhor à imagem da mulher trancada no gineceu entre suas servas e ocupada em fiar e tecer. Mesmo lá, entretanto, ela podia gerir os bens familiares em sua condição de dona da casa, pelo menos tanto quanto o esposo, ocupado pela política cotidiana. Logo, convém ser prudente ao se evocar a condição feminina na Grécia, singularmente em Atenas, apenas a partir das profissões de fê misóginas que, desde Hesíodo até Eurípides e Aristófanes, abundam na poesia e no teatro gregos. A mulher é então representada como um flagelo criado pelos deuses para punir os homens por sua pretensão ao querer igualar-se a eles, como uma criatura falastrona e preguiçosa, que pensa apenas em beber e enganar o esposo, como um ventre insaciável que infelizmente é necessário suportar por não ser possível procriar sem ele. Deve-se contudo ser prudente ao falar do "feminismo" de um Eurípides ou um Platão. Ainda que o primeiro faça suas heroínas dizerem frases que soam estranhamente modernas, não deixava nem um pouco de ser, segundo Aristófanes, inimigo das mulheres. Quanto a Platão, ainda que se tenha inspirado no exemplo espartano ao atribuir às esposas dos guardiões da *República* uma situação particular, chegando, nas *Leis*, a propor magistraturas femininas, isso se deve mais a seu desejo de regulamentar todos os aspectos da vida comunitária do que a uma preocupação qualquer em modificar a condição feminina. Pode-se no máximo sugerir que com o declínio da política esboçado no final do século IV, a mulher, pertencente à esfera do particular, tenha

mbra
nden-
menos
da co-

zione ed
romana.
Women
: Codes-
Classical
a femme
5, 1991
a antica.
Occident
xt), t.1.
Pantel),
filia; he-

frente da procissão, seguidos pelos cidadãos em armas ou a cavalo e por moças que levavam à deusa, em cestos, oferendas e o véu (*peplos*) tecido por elas. Os metecos e os estrangeiros de passagem também participavam, assim como o sacrificador que conduzia os animais ao sacrifício. Esse sacrifício intitulava-se "hecatombe", ou seja, pelo menos cem animais eram mortos no altar. Cidadãos ricos eram encarregados de fornecer os animais, cujas carnes assadas eram servidas distribuídas entre os cidadãos que haviam tomado parte na procissão. Por ocasião das Grandes Panateneias, a cada quatro anos, ocorriam concursos de rap-sódias e provas atléticas. Os atletas vencedores eram premiados com ânforas contendo azeite feito com o fruto das oliveiras sagradas da deusa.

Outra festa ateniense importante era a que ocorria em honra de Dioniso, as Grandes Dionisiacas ou Dionisias. A estátua do deus era carregada pela cidade até o teatro, onde ocorriam os célebres concursos dramáticos. Um sacrifício de importância comparável ao das Panateneias e um banquete eram seguidos por uma procissão noturna onde, à luz de tochas, era conduzido o falo, em meio a cantos e danças. Os concursos dramáticos duravam quatro dias. A representação começava ao nascer do sol e prolongava-se até a noite. Os prêmios eram concedidos no fim do concurso, recompensando o poeta, o organizador do coro, um cidadão rico que houvesse financiado o espetáculo e o protagonista, o ator principal.

São menos conhecidos os rituais de outras festas, mas em praticamente todas elas encontramos a procissão, o sacrifício e os concursos. Em todas também a presença da cidade manifestava-se na pessoa do magistrado que presidia à festa: em

nateneias e o arconte-epônimo nas Grandes Dionisiacas. Dentre as festas atenienses, as Tesmofórias devem ser examinadas à parte, já que eram reservadas apenas às esposas de cidadãos e com participação proibida aos homens. Uma comédia de Aristófanes, *As mulheres das Tesmofórias*, atesta que as mulheres de Atenas encarregavam-se da organização da festa. Ela era celebrada no princípio do outono, no mês de *primotision*. No segundo dia da festa as mulheres iam em procissão à *Phix* e lá passavam o dia, sentadas no chão sob tendas de folhas, jejuando em memória da dor de Deméter quando sua filha foi-lhe arrebatada por Hades. No dia seguinte, ao contrário, a alegria explodia em meio a cantos e festins. Outras festas eram igualmente consagradas a Deméter, sozinha ou associada a Dioniso, como as *Haloas* ou as *Cloeias*, em que as mulheres também tinham seu lugar.

Nunca é demais ressaltar a importância dessas festas religiosas no desenvolvimento da civilização grega. Nelas floresceram a poesia, a música e o teatro. E se, como se escreveu recentemente, "uma cidade em festa também é uma cidade tomada pelos odores do sangue das vítimas e pela fumaça das carnes assadas" (L. Bruit-Zaidman, P. Schmitt-Pantel), isso traduz de maneira eloquente o lugar que tinham as práticas religiosas na vida dos gregos.

[1] H. W. Parke. *Festivals of the Athenians*. Londres, 1977. L. Bruit-Zaidman, P. Schmitt-Pantel. *La religion grecque*. Paris, 1989

↑ deuses; santuários; teatro; Tesmofórias; *théotikon*

FÓIAS

O mais célebre dos escultores e arquitetos atenienses. Nascido por volta de 490,

da Acrópole. Sua primeira obra parece ter sido a *Arena Promacos*, e em 456, visível, segundo Pausânias, o cabo Súnio. Seu renome, contudo, associado às duas estátuas criselinas (de ouro e mármore) feitas por honra a Atena e Zeus. A *Arena Pár* destinada ao interior do Partenon concluída em 438. A deusa era sentada em armas, com capacete, lencinho e sandálias. A estátua de Zeus, destinada ao santuário de Olímpia, representava o deus sentado. Outras estátuas foram atribuídas a Fídias pelos atenienses. Sua obra parece ter sido extensa. Estas obras, inclusive o Zeus e a *Atena Promacos*, e seria impossível avaliar o talento do escultor. Não houvesse os frisos do Partenon. Nelas são de sua lavra, mas não resta dúvida de que ele foi o idealizador do conjunto. É assim considerado o representante por excelência da escultura grega, ao mesmo tempo monumental e moniosa.

Fídias era ateniense e em Atenas foi a maior parte de sua vida, embora tenha realizado obras para outras cidades. Amigo pessoal de Péricles, em seus adversários, que moveram contra um processo acusando-o de malversação de verbas; ele teria desviado ouro e de mármore destinados à deusa de Atena. Esse processo condenou-o a uma multa e exilar-se.

[1] P. Devambez. *L'Art au siècle de Péricles*. Paris, 1955. G. Donnay. "La date du projet de Fídias", *L'Antiquité classique*. XXXVII, p. 19-36

↑ arquitetura/urbanismo; Péricles

FILÍPE II

Filipe II foi por mais de vinte a